

**Francisco Cândido Xavier**

***Entre a Terra  
e o Céu***

**7<sup>o</sup> livro da Coleção  
“A Vida no Mundo Espiritual”**

**Ditado pelo Espírito  
André Luiz**

**FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA  
DEPARTAMENTO EDITORIAL  
Rua Souza Valente, 17  
20941-040 - Rio - RJ - Brasil**

**<http://www.febnet.org.br/>**

**Coleção**  
**“A Vida no Mundo Espiritual”**

- 01 - Nosso Lar
- 02 - Os Mensageiros
- 03 - Missionários da Luz
- 04 - Obreiros da Vida Eterna
- 05 - No Mundo Maior
- 06 - Libertação
- 07 - Entre a Terra e o Céu
- 08 - Nos Domínios da Mediunidade
- 09 - Ação e Reação
- 10 - Evolução em Dois Mundos
- 11 - Mecanismos da Mediunidade
- 12 - Sexo e Destino
- 13 - E a Vida Continua...

## Índice

Entre a Terra e o Céu .....	5
1 Em torno da prece .....	7
2 No cenário terrestre .....	11
3 Obsessão .....	16
4 Senda de provas.....	21
5 Valiosos apontamentos.....	27
6 Num lar cristão.....	33
7 Consciência em desequilíbrio.....	40
8 Deliciosa excursão .....	48
9 No Lar da Bênção.....	55
10 Preciosa conversação.....	61
11 Novos apontamentos .....	68
12 Estudando sempre .....	73
13 Análise mental.....	79
14 Entendimento .....	85
15 Além do sonho .....	92
16 Novas experiências.....	98
17 Recuando no tempo.....	104
18 Confissão.....	110
19 Dor e surpresa .....	115
20 Conflitos da alma .....	121
21 Conversação edificante.....	128
22 Irmã Clara .....	133
23 Apelo maternal .....	139
24 Carinho reparador.....	146
25 Reconciliação .....	153
26 Mãe e filho .....	159

27	Preparando a volta.....	165
28	Retorno.....	172
29	Ante a reencarnação .....	178
30	Luta por renascer.....	185
31	Nova luta.....	192
32	Recapitulação .....	202
33	Aprendizado .....	211
34	Em tarefa de socorro .....	221
35	Reerguimento moral.....	231
36	Corações renovados.....	239
37	Reajuste.....	247
38	Casamento feliz.....	254
39	Ponderações .....	261
40	Em prece .....	267

## Entre a Terra e o Céu

Desta história, recolhida por André Luiz entre a Terra e o Céu, destacam-se os impositivos do respeito que nos cabe consagrar ao corpo físico e do culto incessante de serviço ao bem, para retirarmos da romagem terrena as melhores vantagens à vida imperecível.

Neste livro não somos defrontados por qualquer situação espetaculosa; nem heróis, encarnando virtudes dificilmente acessíveis; nem anjos inabordáveis.

Em cada capítulo, encontramos a nós mesmos, com nossos velhos problemas de amor e ódio, simpatia e desafeto, através da cristalização mental em certas fases do caminho, na penumbra de nossos sonhos imprecisos ou na sombra das paixões que, por vezes, nos arrastam a profundos despenhadeiros.

Em quase todas as páginas, temos a vida comum das almas que aspiram à vitória sobre si mesmas, valendo-se dos tesouros do tempo, para a aquisição de luz renovadora.

Aqui, os quadros fundamentais da narrativa nos são intimamente familiares...

O coração aflito em prece;

A mente paralisada na ilusão e na dor;

O lar varrido de provações;

A senda fustigada de lutas;

O desvario do ciúme;

O engano da posse;

Embates do pensamento;

Conflitos da emoção.

E sobre a contextura dos jatos puros e simples paira, por ensinamento central, a necessidade de valorização dos recursos que o mundo nos oferece para a reestruturação do nosso destino.

Em muitas ocasiões, somos induzidos a fixar a amplidão celestial, incorporando energia para conquistar o futuro; entretanto, muitas vezes somos constrangidos a observar o trilho terrestre, a fim de entender o passado a que o nosso presente deve a sua origem.

Neste livro, somos forçados a contemplar-nos por dentro, no chão de nossas experiências e de nossas possibilidades, para que não nos falhe o equilíbrio à jornada redentora, no rumo do porvir.

Dele surge a voz inarticulada do Plano Divino, exortando-nos sem palavras:

– A Lei é viva e a Justiça não falha! Esquece o mal para sempre e semeia o bem cada dia!...

Ajuda aos que te cercam, auxiliando a ti mesmo! O tempo não pára e, se agora encontras o teu “ontem”, não olvides que o teu “hoje” será a luz ou a treva do teu “amanhã”!...

EMMANUEL

Pedro Leopoldo, 23 de janeiro de 1954.

# 1

## Em torno da prece

No Templo do Socorro<sup>1</sup>, o Ministro Clarêncio comentava a sublimidade da prece e nós o ouvíamos com a melhor atenção.

– Todo desejo – dizia, convincente – é manancial de poder. A planta que se eleva para o alto, convertendo a própria energia em fruto que alimenta a vida, é um ser que ansiou por multiplicar-se...

– Mas todo petição reclama quem ouça – interferiu um dos companheiros. – Quem teria respondido aos rogos, sem palavras, da planta?

O venerando orientador respondeu, tranqüilo:

– A Lei, como representação de nosso Pai Celestial, manifesta-se a tudo e a todos, através dos múltiplos agentes que a servem. No caso a que nos reportamos, o Sol sustentou o vegetal, conferindo-lhe recursos para alcançar os objetivos que se propunha atingir.

E, imprimindo significativa entonação à voz, continuou:

– Em nome de Deus, as criaturas, tanto quanto possível, atendem às criaturas. Assim como possuímos em eletricidade os transformadores de energia para o adequado aproveitamento da força, temos igualmente, em todos os domínios do Universo, os transformadores da bênção, do socorro, do esclarecimento... As correntes centrais da vida partem do Todo-Poderoso e descem a flux, transsubstanciadas de maneira infinita. Da luz suprema à treva total, e vice-versa, temos o fluxo e o refluxo do sopro do Criador, através de seres incontáveis, escalonados em todos os tons do

---

<sup>1</sup> Instituição da cidade espiritual em que se encontra o Autor. (Nota do Autor espiritual)

instinto, da inteligência, da razão, da humanidade e da angelitude, que modificam a energia divina, de acordo com a graduação do trabalho evolutivo, no meio em que se encontram. Cada degrau da vida está superlotado por milhões de criaturas... O caminho da ascensão espiritual é bem aquela escada milagrosa da visão de Jacob, que passava pela Terra e se perdia nos céus... A prece, qualquer que ela seja, é ação provocando a reação que lhe corresponde. Conforme a sua natureza, paira na região em que foi emitida ou eleva-se mais, ou menos, recebendo a resposta imediata ou remota, segundo as finalidades a que se destina. Desejos banais encontram realização próxima na própria esfera em que surgem. Impulsos de expressão algo mais nobre são amparados pelas almas que se enobreceram. Ideais e petições de significação profunda na imortalidade remontam às alturas...

O mentor generoso fez pequeno intervalo, como a dar-nos tempo para refletir e acentuou:

– Cada prece, tanto quanto cada emissão de força, se caracteriza por determinado potencial de frequência e todos estamos cercados por Inteligências capazes de sintonizar com o nosso apelo, à maneira de estações receptoras. Sabemos que a Humanidade Universal, nos infinitos mundos da grandeza cósmica, está constituída pelas criaturas de Deus, em diversas idades e posições... No Reino Espiritual, compete-nos considerar igualmente os princípios da herança. Cada consciência, à medida que se aperfeiçoa e se santifica, aprimora em si qualidades do Pai Celestial, harmonizando-se, gradativamente, com a Lei. Quanto mais elevada a percentagem dessas qualidades num espírito, mais amplo é o seu poder de cooperar na execução do Plano Divino, respondendo às solicitações da vida, em nome de Deus, que nos criou a todos para o Infinito Amor e para a Infinita Sabedoria...

Quebrando o silêncio que se fizera natural para a nossa reflexão, o irmão Hilário perguntou:



– Contudo, como interpretar o ensinamento, quando estivermos à frente de propósitos malignos? Um homem que deseja cometer um crime estará também no serviço da prece?

– Abstenhamo-nos de empregar a palavra “prece”, quando se trate do desequilíbrio – aduziu Clarêncio, bondoso –, digamos “invocação”.

E acrescentou:

– Quando alguém nutre o desejo de perpetrar uma falta está invocando forças inferiores e mobilizando recursos pelos quais se responsabilizará. Através dos impulsos infelizes de nossa alma, muitas vezes descemos às desvairadas vibrações da cólera ou do vício e, de semelhante posição, é fácil cairmos no enredado poço do crime, em cujas furnas nos ligamos, de imediato, a certas mentes estagnadas na ignorância, que se fazem instrumentos de nossas baixas idealizações ou das quais nos tornamos deploráveis joguetes na sombra. Todas as nossas aspirações movimentam energias para o bem ou para o mal. Por isso mesmo, a direção delas permanece afeta à nossa responsabilidade. Analisemos com cuidado a nossa escolha, em qualquer problema ou situação do caminho que nos é dado percorrer, porquanto o nosso pensamento voará, diante de nós, atraindo e formando a realização que nos propomos atingir e, em qualquer setor da existência, a vida responde, segundo a nossa solicitação. Seremos devedores dela pelo que houvermos recebido.

O Ministro sorriu, benevolente, e lembrou:

– Estejamos convictos, porém, de que o mal é sempre um círculo fechado sobre si mesmo, guardando temporariamente aqueles que o criaram, qual se fora um quisto de curta ou longa duração, a dissolver-se, por fim, no bem infinito, à medida que se reeducam as Inteligências que a ele se aglutinam e afeiçoam. O Senhor tolera a desarmonia, a fim de que por intermédio dela mesma se efetue o reajustamento moral dos espíritos que a sustentam, de

vez que o mal reage sobre aqueles que o praticam, auxiliando-os a compreender a excelência e a imortalidade do bem, que é o inamovível fundamento da Lei. Todos somos senhores de nossas criações e, ao mesmo tempo, delas escravos infortunados ou felizes tutelados. Pedimos e obtemos, mas pagaremos por todas as aquisições. A responsabilidade é princípio divino a que ninguém poderá fugir.

Nesse instante, uma jovem de semblante calmo penetrou no recinto e, dirigindo-se ao nosso orientador, falou algo aflita:

– Irmão Clarêncio, uma de nossas pupilas do quadro de reencarnações sob suas diretrizes pede socorro com insistência...

– É um apelo individual urgente? – indagou o Ministro, preocupado.

– É assunto inquietante, mas numa prece refratada.

O prestimoso instrutor convidou-nos a acompanhá-lo e seguimo-lo, atentamente.

## 2

### No cenário terrestre

Numa sala ampla, em que numerosas entidades trabalhavam solícitas, Clarêncio recebeu da jovem um pequeno gráfico que passou a examinar, cauteloso.

Em seguida, comentou, espontâneo:

– Ainda agora, falávamos de responsabilidade. Eis um fato que nos ilustra os conceitos.

E, exibindo o documento que trazia nas mãos, explicou:

– Temos aqui uma oração comovedora que superou as linhas vibratórias comuns do plano de matéria mais densa. Parte de uma devotada servidora que se ausentou de nossa cidade espiritual, há precisamente quinze anos terrestres, para determinadas tarefas na reencarnação. Não seguiu, porém, desassistida. Permanece sob nossa orientação, O nascimento e o renascimento, no mundo, sob o ponto de vista físico, jazem confiados a leis biológicas de cuja execução se incumbem Inteligências especializadas, contudo, em suas características morais, subordinam-se a certos ascendentes do espírito.

O Ministro deteve-se alguns instantes, analisando a pequenina e complicada ficha, todavia, como se provocasse a continuidade da lição que recebíamos, meu companheiro considerou:

– Mas, indiscutivelmente, na reencarnação há um programa de serviço a realizar...

– Sim, sem dúvida – aclarou o instrutor –, quanto mais vastos os recursos espirituais de quem retorna à carne, mais complexo é o mapa de trabalho a ser obedecido. Quase todos temos do pretérito expressivo montante de débito a resgatar e todos somos desafiados pelas aquisições a fazer. Nisso está o programa, significando

em si uma espécie de fatalidade relativa no ciclo de experiências que nos cabe atender; entretanto, a conduta é sempre nossa e, dentro dela, podemos gerar circunstâncias em nosso benefício ou em nosso desfavor. Reconhecemos, assim, que o livre arbítrio, também relativo, é uma realidade incontestável em todas as esferas de evolução da consciência. Não podemos olvidar, contudo, que, em todos os planos, marchamos em verdadeira interdependência. Nas linhas da experiência física, até certo ponto, os filhos precisam dos pais, os doentes necessitam dos médicos e os moços não prescindem do aviso dos mais velhos. Aqui, a habilitação depende dos educadores, o amparo eficiente exige quem saiba distribuí-lo e a transferência de domicílio para trabalho enobrecedor, quando se trata de Espíritos sem méritos absolutos, reclama o endosso de autoridades competentes.

– Mas, que vem a ser uma oração refratada? – indagou o meu colega, mordido de curiosidade.

Hilário fora igualmente médico no mundo e, tanto quanto eu, permanecia em tarefas ligadas à responsabilidade de Clarêncio, adquirindo conhecimentos especializados.

– A prece refratada é aquela cujo impulso luminoso teve a sua direção desviada, passando a outro objetivo.

Inclinávamo-nos a desfechar novas perguntas, no entanto o orientador sossegou-nos, esclarecendo:

– Esperem. Reconhecerão comigo que nos achamos todos imanados uns aos outros.

Em seguida, falou para a jovem que o observava, respeitosa:

– Chame a irmã Eulália.

Alguns momentos passaram, rápidos, e a cooperadora mencionada apareceu irradiando bondade e simpatia.

– Irmã – disse Clarêncio, preciso –, este gráfico registra aflitivo apelo de Evelina, cuja volta ao aprendizado na carne foi garantida por nossa organização. Parece-me estar a pobrezinha em extremas dificuldades...

– Sim – concordou a interpelada –, Evelina, apesar da fragilidade do novo corpo, vem sustentando imensa luta moral. O pai, sobrecarregado de questões íntimas, tem a saúde periclitante e a madrastra vem sofrendo obstinada perseguição, por parte de nossa desventurada Odila.

– A genitora de Evelina?

– Sim, ela mesma. Ainda não se resignou a perder a primazia feminina no lar. Há dois anos empenho energia e boa vontade por dissuadi-la. Vive, porém, enovelada nos laços escuros do ciúme e não nos ouve. O egoísmo desbordante fá-la esquecida dos compromissos que abraçou. Zulmira, por sua vez, a segunda esposa de Amaro, desde a morte do pequenino Júlio caiu em profundo abatimento. Como não ignoramos, o pequeno desencarnou afogado, consoante as provas de que se fez devedor. A madrastra, contudo, que chegou a desejar-lhe o desaparecimento por não amá-lo, encontrando-se sob as sugestões da mulher que a precedeu nas atenções do marido, crê-se culpada... Evelina, depois de perder o maninho em trágicas circunstâncias, acha-se desorientada, entre o genitor aflito e a segunda mãe, em desespero... Ainda anteontem, pude vê-la. Chorava, comovedoramente, diante da fotografia da mãezinha desencarnada, suplicando-lhe proteção. Odila, porém, envolvida nas teias das próprias criações mentais, não se mostra capaz de corresponder à confiança e à ternura da menina. Ela, entretanto, tem insistido com tal vigor na obtenção de socorro espiritual que as suas rogativas, quebrando a direção, chegam até aqui, de tal modo...

Reparávamos o pequeno gráfico em Silêncio.

Sustando a pausa longa, o Ministro fixou Hilário e indagou:

– Compreendem agora o que seja uma oração refratada? Evelina recorre ao espírito materno que não se encontra em condições de escutá-la, mas a solicitação não se perde... Desferida em elevada frequência, a súplica de nossa irmãzinha vara os círculos inferiores e procura o apoio que lhe não faltará.

Passeando em nós o olhar muito lúcido, concluiu:

– Desejariam cooperar conosco na tarefa assistencial?

Sem dúvida, o caso fascinava-nos a atenção.

O orientador, no entanto, recomendou esperássemos dois dias. Desejava inteirar-se, a sós, de todas as ocorrências, para instruir-nos com segurança, quando estivéssemos a usufruir-lhe a companhia.

Nossa excursão, todavia, foi marcada e, no momento preciso, achávamo-nos a postos.

Sem delonga na viagem, Clarêncio, Eulália, Hilário e eu encontramos-nos em residência modesta, mas confortável, num dos bairros do Rio de Janeiro.

O relógio citadino acusava exatamente vinte e uma horas.

Entramos.

Em estreito compartimento, à guisa de gabinete de trabalho e biblioteca, um homem de trinta e cinco anos presumíveis lia, com visíveis sinais de preocupação, um manual de mecânica.

Na secretária singela, desdobravam-se publicações diversas, denunciando-lhe os estudos.

Clarêncio, assumindo com mais propriedade o papel de mentor do nosso grupo, informou, gentil:

– Este é Amaro, o chefe da casa. Tem, no longo pretérito, complicados compromissos. Em muitas ocasiões, usou projéteis e lâminas de ferro para o mal. Hoje, é servidor categorizado numa ferrovia...

Em seguida, passamos a gracioso quarto próximo.

Encantadora adolescente de catorze anos bordava iniciais num lenço de linho.

Magra e triste, parecia concentrar a mente nos olhos grandes e serenos. Não nos assinalou a presença, mas, ao contacto das mãos espirituais do Ministro, revelou indefinível contentamento interior.

Instintivamente, desviou o olhar do pano alvo e fixou-o num retrato de mulher que pendia da parede. Sorriu, enlevada, qual se conversasse com a imagem, enquanto Clarêncio nos dizia:

– Esta é a nossa Evelina, cuja reencarnação foi por nós organizada, faz alguns anos. A fotografia é uma lembrança da mãezinha que já partiu. Evelina está ligada aos pais, através de imenso amor, desde séculos remotos. Veio ao encontro de criaturas e situações das quais necessita para a garantia da própria ascensão, mas trouxe também consigo a tarefa de auxiliar os progenitores. No momento, acredita-se amparada pela mãezinha, entretanto, pelos méritos já acumulados na vida espiritual, é ela mesma quem continua socorrendo o coração materno, ainda em luta...

Abracei, comovido, a mocinha extática, que se guardava em luminoso halo de tranqüilidade e, por alguns instantes, meditei na grandeza do amor e na sublimidade da oração.

### 3

## Obsessão

Penetramos o mais espaçoso aposento da casa, onde uma senhora de aspecto juvenil repousava abatida e insone.

Moça de vinte e cinco anos, aproximadamente, mostrava no semblante torturado harmoniosa beleza. O rosto delicado parecia haver saído de uma tela preciosa, todavia, com a suavidade das linhas fisionômicas contrastavam a inquietação e o pavor dos olhos escuros e o abandono dos cabelos em desalinho.

Ao lado dela, descansava outra mulher, sem o veículo físico.

Recostada num travesseiro de grandes dimensões, dava a idéia de proteger a moça indiscutivelmente enferma, contudo, a vaguidão do olhar e o halo obscuro de que se cercava, não nos deixavam dúvida quanto à sua posição de desequilíbrio interior. Conservava a destra sobre a medula alongada da senhora vencida e doente, como se quisesse controlar-lhe as impressões nervosas, e fios cinzentos que lhe fluíam da cabeça, à maneira de tentáculos dum polvo, envolviam-lhe o centro coronário, obliterando-lhe os núcleos de força.

Indiferentes ambas à nossa presença, foi possível observá-las atentamente, identificando-se-lhes a posição de verdugo e de vítima.

Arrancando-nos da indagação silenciosa em que nos demorávamos, Clarêncio explicou:

– A jovem senhora é Zulmira, a segunda orientadora deste lar, e a irmã desencarnada que presentemente lhe vampiriza o corpo é Odila, a primeira esposa de Amaro e mãezinha de Evelina, dolorosamente transfigurada pelo ciúme a que se recolheu. Empenhada em combater aquela que considera inimiga, imanta-se a ela,



através do veículo perispirítico, na região cerebral, dominando a complicada rede de estímulos nervosos e influenciando os centros metabólicos, com o que lhe altera profundamente a paisagem orgânica.

– Mas, porque não há reação por parte da perseguida? – inquiri, perplexo.

– Porque Zulmira, a nossa amiga encarnada, caiu no mesmo padrão vibratório – aclarou o instrutor –. Ela também se devotou ao marido com egoísmo aviltante. Amaro sempre foi pai afetuosíssimo. O matrimônio anterior deixou-lhe um casal de filhinhos, mas o pequeno Júlio, formosa criança de oito anos, perdeu a existência no mar. A segunda mulher nunca suportou, sem mágoa, o carinho do genitor para com os órfãos de mãe. Revoltava-se, choramingava e doía-se constantemente, diante das menores manifestações de ternura paternal, entrelaçando-se, por isso mesmo, com as desvairadas energias da irresignada companheira de Amaro, arrebatada pela morte. Em suas preocupações doentias, Zulmira chegou a desejar a morte de uma das crianças. Pretendia possuir o coração do homem amado, com absoluto exclusivismo. E porque as atenções de Amaro se concentravam particularmente sobre o menino, muitas vezes emitiu silenciosamente o anseio de vê-lo afogar-se na praia em que se banhavam. Certa manhã, custodiando os enteados, separou Evelina do irmão, permitindo ao petiz mais ampla incursão nas águas. O objetivo foi atingido. Uma onda rápida surpreendeu o miúdo banhista, arrojando-o ao fundo. Incapaz de reequilibrar-se, Júlio voltou cadaverizado à superfície. O sofrimento familiar foi enorme. O ferroviário sentiu-se psiquicamente distanciado da segunda esposa, classificando-a como relaxada e cruel com os filhinhos. Zulmira, a seu turno, acabou-nhada com o acontecimento e guardando consigo a responsabilidade indireta pelo desastre havido, caiu obsidiada ante a influência perniciosa da rival que a subjugava do plano invisível.

Clarêncio fez ligeiro intervalo e continuou:

– O sentimento de culpa é sempre um colapso da consciência e, através dele, sombrias forças se insinuam... Zulmira, pelo remorso destrutivo, tombou no mesmo nível emocional de Odila e ambas se digladiam num conflito de morte, inacessível aos olhos humanos comuns. É um caso em que a medicina terrestre não consegue interferência.

Calara-se o Ministro.

Qual se nos registrasse a presença por intuição, Odila movimentou-se e, agarrando-se à pobre senhora com mais força, gritou:

– Ninguém a libertará! Sou infeliz mãe espoliada... Farei justiça por minhas próprias mãos...

E contemplando a enferma com expressão terrível, acrescentava:

– Assassina! Assassina!... Mataste meu filhinho! Morrerás também!...

A doente abriu desmesuradamente os olhos.

Extrema palidez cobriu-lhe a face.

Não ouvia as palavras da adversária que lhe era invisível, mas, envolta na onda magnética que a enlaçava, sentia-se morrer.

Clarêncio afagou-lhe a fronte e disse, calmo:

– Pobre moça!...

Hilário e eu, instintivamente abeiramo-nos de Odila para afastá-la com a presteza possível, mas o instrutor generoso deteve-nos com um gesto, advertindo:

– A violência não ajuda. As duas se encontram ligadas uma a outra. Separá-las à força seria a dilaceração de conseqüências imprevisíveis. A exasperação da mulher desencarnada pesaria

demasiado sobre os centros cerebrais de Zulmira e a lipotimia poderia acarretar a paralisia ou mesmo a morte do corpo.

– Mas, então – clamou Hilário, contrafeito –, como extinguir essa união indébita? Não será justo afastar o algoz da vítima?

Clarêncio sorriu e ponderou:

– Aqui, o quadro é diverso. Na esfera carnal, a cápsula física é precioso isolante das energias desequilibradas de nossa mente, entretanto, em nosso plano de ação, no problema que observamos, essas forças desbordam ameaçadoras sobre a infeliz mulher, cujo corpo pode ser comparado a uma lâmpada de fraca receptividade, sobre a qual seria perigoso arremessar uma corrente superior à capacidade de resistência a que se enquadra. A inutilização seria completa.

– Que poderíamos fazer? – indagou Hilário, desapontado.

– Precisamos atuar na elaboração dos pensamentos da infeliz irmã que tomou a iniciativa da perseguição. É imprescindível dar outro rumo à vontade dela, deslocando-lhe o centro mental e conferindo-lhe outros interesses e diferentes aspirações.

– E não podemos começar, exortando-a?

O Ministro, sereno, obtemperou sem alterar-se:

– Talvez, assim de momento, não pudéssemos ou não soubéssemos. A preparação é indispensável.

– Nada custa uma conversação de censura... – alegou meu companheiro, admirado.

– Sim, uma doutrinação pura e simples seria cabível, contudo, não podemos esquecer que a organização cerebral da vítima permanece excessivamente martelada. Nossa intervenção no campo espiritual de Odila deve ser envolvente e segura para evitar choques e contrachocos, que repercutiriam desastrosamente sobre a outra. Nem doçura prejudicial, nem energia contundente...

O instrutor dirigiu piedoso olhar às duas mulheres e prosseguiu:

– A questão nesta casa surge realmente melindrosa. É necessário buscar alguém que já tenha amalhado na alma bastante amor e bastante entendimento para conversar com o poder criador da renovação.

Refletiu alguns instantes e aduziu:

– Contamos em nossas relações com a irmã Clara. Rogaremos o concurso dela. Modificará Odila com o seu verbo coroado de luz, inclinando-a ao serviço da conversão própria. Por agora, de nossa parte, somente nos é possível a dispensação de algum alívio e nada mais.

Recomendou a Eulália assistisse Evelina para o refazimento psíquico de que a menina necessitava e, em seguida, aplicou recursos magnéticos sobre Zulmira, em passes calmantes, de longo curso.

Qual se fosse brandamente anestesiada, a enferma passou da irritação à serenidade e pareceu dormir aos olhos do esposo que chegara, de mansinho, acomodando-lhe os travesseiros.

## 4

### Senda de provas

Zulmira ausentara-se do corpo, mas não desfrutava a paz que se lhe estampara na máscara física.

Enlaçada por Odila, a cujo olhar dominador se inclinava, submissa, não nos identificou a presença.

Com evidentes sinais de terror, ouvia as objurgatórias da rival que a acusava, exclamando:

– Que fizeste de meu filhinho? Assassina! assassina! Pagarás muito caro a intromissão no lar que é somente meu!... Destroçarei tua vida, não me furtarás o afeto de Amaro... Armarei o coração de Evelina contra ti!...

– Não, não!... – respondia a vítima. – Não matei! Não fui eu quem matou!...

– Hipócrita! acompanhei os teus pensamentos, teus desejos, teus votos...

Zulmira desembaraçou-se, de inopino, dos braços que a envolviam e correu para fora, seguida pela outra.

Esclarecendo-nos, bondoso, Clarêncio observou:

– Quando a pobrezinha consegue sossegar o corpo, cai no pesadelo agitado. Acompanhem-nas. Dirigem-se à praia, onde ocorreu a morte do pequenino. Premida pelo assédio de nossa irmã desequilibrada, Zulmira ainda não se libertou das aflitivas reminiscências de que se vê possuída.

Pusemo-nos na direção do mar, antecipando-as no trajeto.

E, enquanto nos afastávamos, a conversação fez-se ativa.

– Não posso compreender porque a infeliz se declarou inocente... – comentou Hilário, pensativo.

– Porque tamanha provação se não é ela a autora do crime? – inquiri por minha vez.

O Ministro, porém, informou, preciso:

– Segundo as anotações que já recolhemos da irmã Eulália, Zulmira não é propriamente a autora, mas, com loucas ciuçadas do marido, desejou ardentemente a morte da criança, chegando mesmo a favorecê-la. Para não repetirmos esclarecimentos aos quais já nos reportamos, faremos ligeiro retrospecto, tão minucioso quanto possível, examinando o problema aflitivo do casal.

Depois de breve pausa, prosseguiu:

– “Amaro experimentava imensa devoção afetiva pelo filhinho. Quando Júlio adoecia, desvelava-se à cabeceira do petiz com ilimitada ternura. Sabendo-o sem o carinho materno e reconhecendo que a madrastra não primava pelo amor, junto dos enteados, passava a dormir ao lado do caçula, rodeando-o de mimos. Quando tornava a casa, cada dia, confiava-se a longas conversações com o filho, lendo-lhe histórias ou escutando-lhe, atencioso, as narrativas infantis.

“Assemelhavam-se a dois velhos amigos, a se bastarem um ao outro. Zulmira, em razão disso, ralada de despeito, passou a ver no menino um adversário de sua felicidade doméstica. A dedicação de Evelina para com o genitor não lhe doía tanto. A filha mais velha era mais doce e mais reservada. Comedida em suas manifestações, sabia dividir gentilezas, sem olvidar a segunda mãe em seu culto de amizade. A madrastra nada sentia contra ela, mas o pequeno excitava-a. Júlio, no extremado apego ao genitor, costumava exagerar-se em traquinadas e caprichos que Amaro desculpava sempre, com benevolente sorriso. Zulmira,

pouco a pouco, permitiu que o ódio lhe ocupasse o coração e deixou que o ciúme a enceguesse a ponto de suspirar pelo desaparecimento do alegre rapazinho. Despreocupava-se intencionalmente pela assistência que lhe devia e abandonava-o às extravagâncias, características de sua idade, alimentando o secreto anseio de presenciar-lhe o fim. Chegava mesmo a estimular-lhe indébitas incursões na via pública, admitindo que algum veículo podia fazer o que não tinha coragem de realizar com as próprias mãos... Foi nessa disposição de espírito que acompanhou a família ao banho matinal, em clara manhã domingueira. Entregues ao contentamento da excursão, Amaro e a filhinha distanciaram-se, de algum modo, numa lancha pequena, enquanto Zulmira assumia a guarda do garoto. Foi então que o cérebro da moça deixou nascer escuras divagações. Não seria aquele o momento azado para consumir o velho propósito? E se relegasse o menino a si mesmo? Decerto, Júlio, em sua curiosidade infantil, não resistiria à atração para o seio das águas... Ninguém poderia culpá-la.

“Passou do projeto à ação e de pronto se afastou. Em se vendo a sós, o caçula de Amaro interessou-se mais vivamente pelas conchas multicores a se multiplicarem na areia, perseguindo-as, encantado, pelo mar a dentro, até que uma onda veloz lhe chicoteou o corpo tenro, obrigando-o a mergulhar. A criança gritou, pedindo-lhe amparo... Realmente, poderia ter retrocedido alguns passos, salvando-a, mas vencida pelos sinistros pensamentos que lhe dominavam a cabeça, esperou que o mar concluísse o horrível trabalho que não tivera coragem de executar. Quando notou que o enteado havia desaparecido, começou a clamar por socorro, de alma repentinamente dobrada pelo remorso, mas era tarde... Amaro acorreu, precipite, e, com o auxílio de companheiros, retirou para fora o corpinho inerte. Torturado, chorou amargosamente a perda do filhinho, recriminando a mulher. Foi então que Zulmira, dominada pelo arrependimento e atormentada pela noção de culpa, desceu, em espírito, ao padrão vibratório de Odila que a segui-

a, em silêncio, revoltada. Enquanto se mantinha com a paz de consciência, defendia-se naturalmente contra a perseguição invisível, como se morasse num castelo fortificado, mas, condenando a si mesma, resvalou em deplorável perturbação, à maneira de alguém que desertasse de uma casa iluminada, embrenhando-se numa floresta de sombra.”

O Ministro fez leve pausa de repouso e prosseguiu:

– A pobre senhora, desde esse dia, perdeu a ventura doméstica e a tranqüilidade própria. Ela e o marido respiram agora sob o mesmo teto, qual se fossem estranhos entre si.

– Mas, à frente da Lei, Zulmira é culpada? – perguntei com interesse.

O sábio mentor sorriu, significativamente, e considerou:

– Não, no sentido real da Lei, Zulmira não é culpada.

Entretanto, deitando-nos um olhar mais expressivo que de costume, continuou:

– Todavia, quem de nós não é responsável pelas idéias que arreja de si mesmo? Nossas intenções são atenuantes ou agravantes das faltas que cometemos. Nossos desejos são forças mentais coagulantes, materializando-nos as ações que, no fundo, constituem o verdadeiro campo em que a nossa vida se movimenta. Os frutos falam pelas árvores que os produzem. Nossas obras, na esfera viva de nossa consciência, são a expressão gritante de nós mesmos. A forma de nosso pensamento dá feição ao nosso destino.

Hilário e eu ouvíamos, enlevados, sem pestanejar.

Clarêncio, no entanto, guardando a intuição clara do serviço imediato a fazer, para não delongar-se em digressões filosóficas, retomou o fio central do assunto, esclarecendo:



– Júlio trazia consigo a morte prematura no quadro de provações. Era um suicida reencarnado... A segunda esposa de Amaro, porém, sofre o resultado das infelizes deliberações que albergou no espírito. Padece o retorno das vibrações envenenadas que arremessou na direção do menino. Pelo ciúme, criou ao redor de si mesma um ambiente pestilencial, em que os seus próprios pensamentos malignos conseguiram prosperar, assim como um fruto apodrecido desenvolve em si mesmo os vermes que o devoram.

Supondo-se responsável pela morte da criança, de vez que assilou o delituoso plano a que nos referimos, Zulmira abandonou-se ao mal que trazia consigo, imantando-se, ainda, ao mal de que a adversária é portadora, e tornou-se, por isso, enferma e dementada.

– E o pequeno, em toda a história? – inquiri, admirado.

– Júlio foi conduzido à região que lhe é própria.

– Mas, Odila não poderia vê-lo, certificando-se de toda a verdade?

– Infelizmente – explicou o venerando instrutor –, a infornada criatura tem o centro genésico plenamente descontrolado e isso lhe impede a visão mais ampla. Não consegue querer senão o marido, em vista do apego enlouquecedor aos vínculos do sexo, que a paixão nada faz senão desvirtuar. Odila possui admiráveis qualidades morais que jazem, por enquanto, eclipsadas... Descarnou em largo vigor de seu idealismo feminino, sem uma fé religiosa capaz de reeducar-lhe os impulsos, justificando-se, desse modo, a superexcitação em que se encontra. Semelhante estado, contudo, é transitório e esperamos se submeta, de boa vontade, ao tratamento de reajuste que lhe será dispensado, em breve. Melhorada a situação dela, creio que o problema terá imediata e construtiva solução.

Ia perguntar algo de novo, mas atingíramos a praia e Clarêncio determinou nos puséssemos a observar.

## 5

### Valiosos apontamentos

Alcançáramos a orla do mar, em plena noite.

A movimentação da vida espiritual era aí muito intensa.

Desencarnados de várias procedências reencontravam amigos que ainda se demoravam na Terra, momentaneamente desligados do corpo pela anestesia do sono. Dentre esses, porém, salientava-se grande número de enfermos.

Anciões, mulheres e crianças, em muitos aspectos diferentes, compareciam ali, sustentados pelos braços de entidades numerosas que os assistiam.

Conversações edificantes e lamentos doloridos chegavam até nós.

Serviços magnéticos de socorro urgente eram improvisados aqui e além... E o ar, efetivamente, confrontado ao que respirávamos na área da cidade, era muito diverso.

Brisas refrescantes sopravam de longe, carreando princípios regeneradores e insuflando em nós delicioso bem estar.

– O oceano é miraculoso reservatório de forças – elucidou Clarêncio, de maneira expressiva –; até aqui, muitos companheiros de nosso plano trazem os irmãos doentes, ainda ligados ao corpo da Terra, de modo a receberem refazimento e repouso. Enfermeiros e amigos desencarnados desvelam-se na reconstituição das energias de seus tutelados. Qual acontece na montanha arborizada, a atmosfera marinha permanece impregnada por infinitos recursos de vitalidade da Natureza. O oxigênio sem mácula, casado às emanções do planeta, converte-se em precioso alimento de nossa organização espiritual, principalmente quando ainda

nos achamos direta ou indiretamente associados aos fluidos da matéria mais densa.

Passávamos agora na vizinhança de uma dama extremamente abatida, quase em decúbito dorsal à frente das águas, recolhendo o auxílio magnético de um benfeitor que se iluminava no serviço e na oração.

Clarêncio deixou-nos por momentos, conversou algo com um amigo, a pequena distância, e regressou, informando:

– Trata-se de irmã do nosso círculo pessoal, assediada pelo câncer. Foi retirada do veículo físico, através da hipnose, a fim de obter a assistência que lhe é necessária.

– Mas – objetei, curioso – esse tipo de tratamento pode sustar o desequilíbrio das células orgânicas? A doente conseguirá curar-se, de modo positivo?

O Ministro sorriu e aclarou:

– Realmente, na obra assistencial dos espíritos amigos, que interferem nos tecidos sutis da alma, é possível, quando a criatura se desprende parcialmente da carne, a realização de maravilhas. Atuando nos centros do perispírito, por vezes efetuamos alterações profundas na saúde dos pacientes, alterações essas que se fixam no corpo somático, de maneira gradativa. Grandes males são assim corrigidos, enormes renovações são assim realizadas. Mormente quando encontramos o serviço da prece na mente enriquecida pela fé transformadora, facilitando-nos a intervenção pela passividade construtiva do campo em que devemos operar, a tarefa de socorro concretiza verdadeiros milagres. O corpo físico é mantido pelo corpo espiritual a cujos moldes se ajusta e, desse modo, a influência sobre o organismo sutil é decisiva para o envoltório de carne, em que a mente se manifesta.

Nesse ponto das explicações, porém, o Ministro abanou a cabeça e juntou:

– Nossa ação, contudo, está subordinada à lei que nos rege. No problema de nossa irmã, o concurso de nosso plano conseguirá tão somente angariar-lhe reconforto. A moléstia, em razão das provas que lhe assinalam o roteiro pessoal, atingiu insopitável extensão.

– Quer dizer que ela, agora, apenas se habilita à morte calma?  
– indagou Hilário, atencioso.

– Justamente – confirmou o orientador –. Com a cooperação em curso, despertará no corpo desfalecente mais serena e mais confortada. Repetindo as excursões até aqui, noite a noite, habituar-se-á, com entendimento superior, à idéia da partida, transmitindo aos familiares resignação e coragem para o transe da separação; aprenderá a contribuir com o seu esforço, no sentido de aliviar-lhes as aflições pela humildade que edificará, dentro de si mesma... pouco a pouco; desligar-se-á da carne enfermiça, acentuando a luz interior da própria consciência, a fim de separar-se do ambiente que lhe é caro, como quem encontra na morte física valiosa liberação para serviço mais enobrecido. E, assim, em algumas semanas, mostrar-se-á admiravelmente preparada ante o novo caminho...

Clarêncio silenciara.

O assunto requisitava-me a novas observações.

– Nesse caso – comecei a falar, hesitante.

O Ministro, porém, sorriu compreensivo e atalhou, esclarecendo:

– Já sei a tua conclusão. É isso mesmo. A enfermidade longa é uma bênção desconhecida entre os homens, constitui precioso curso preparatório da alma para a grande libertação. Sem a moléstia dilatada, é muito difícil o êxito rápido no trabalho da morte.

Nesse instante, contudo, Zulmira e Odila chegavam à praia, em sítio não longe de nós.

Clarêncio recomendou-nos atenção.

Rodeamo-las, prestamente, qual se fossem irmãs enfermas, sob a nossa guarda.

Nem uma nem outra nos identificavam a presença. Tão pouco pareciam interessadas pelo movimento no logradouro.

A primeira esposa de Amaro centralizava o olhar sobre a presa, enquanto que a vítima revelava na expressão facial o intraduzível terror dos que se abeiram do extremo desequilíbrio.

Zulmira ensaiava o gesto de quem se propunha a regressar precipitadamente a casa, mas, contida pela companheira, avançava, entre a aflição e o pavor.

E, repetindo as mesmas acusações que já ouvíramos, Odila martelava o cérebro da outra, reiterando, desapiedada:

– Recorda o crime, infeliz! Lembra-te da horrível manhã em que te fizeste assassina! Onde colocaste meu filho? Porque afo-gaste um inocente?

– Não, não! – gritava a pobrezinha dementada – não fui eu! Juro que não fui eu! Júlio foi tragado pelas ondas...

– E porque não velaste pela criança que meu marido levianamente confiou às tuas mãos infiéis? Acaso, não te acusa a própria consciência? Onde situas o senso de mulher? Pagar-me-ás alto preço pelo relaxamento delituoso... Não permitirei que Amaro te ame, alimentarei a antipatia dele contra ti, atormentarei as pessoas que te desejarem socorrer, destruirei a própria casa de que te apossaste e me pertence!... Impostora! impostora!...

– Sim, sim... – concordava Zulmira, terrificada –, não matei, mas não fiz o que me competia para salvá-lo! Perdoa-me! perdoa-me! Prometo empenhar-me no refazimento da paz de todos... Serei uma escrava de teu marido e restitui-lo-ei aos teus braços; converter-me-ei em serva de tua filhinha, cujos passos orientarei

para o bem, mas, por piedade, deixa-me viver! Liberta-me! Com-padece-te de mim!...

– Nunca! nunca! – bradava a interlocutora, friamente – tua falta é imperdoável. Mataste! Deves confessar o delito perpetrado, à frente da polícia!... Dobrar-te-ei a cerviz! Serás recolhida à penitenciária, para que te mistures às delinqüentes de tua laia!...

– Não! não! – suplicava Zulmira, com sinais comoventes de angústia.

– Se não aniquilaste meu filho – bradava a outra, cruel –, devolve-o aos meus braços! Devolve-o! devolve-o!

Nesse momento, ambas se achavam à frente de determinada nesga da praia.

Os olhos da pobre obsidiada adquiriram estranho fulgor.

– Foi aqui! – rugiu a perseguidora, rudemente – aqui consumaste o sinistro plano de extinção da nossa felicidade...

Qual se fora tangida de secretos impulsos, a segunda mulher de Amaro desprende-se dos braços que a constringiam e, penetrando as águas, clamava, aflita:

– Júlio! Júlio!...

Odila, no entanto, perturbada e ensandecida, pôs-se-lhe no encalço.

Sentindo-lhe a aproximação, Zulmira rodou sobre os calcanhares e disparou de volta ao lar.

Acompanhamos as duas, na competição a que se entregavam, sem perdê-las de vista.

Varando a casa, incontinenti, dando a idéia de que o corpo adormecido era poderoso magneto a atraí-la, Zulmira despertou, alagada de suor, conservando no cérebro de carne a impressão de que vagueara em terrível pesadelo.

Tentou gritar, mas não conseguiu.

Faleciam-lhe as forças em colapso nervoso, insopitável. A dispnéia castigava-a com violência, enquanto as coronárias se mostravam intumescidas.

Clarêncio aproximou-se e aplicou-lhe fluidos salutareos e repousantes.

Acalmou-se-lhe o coração, vagorosamente, o campo circulatório tornou à feição normal. Foi então que a desventurada senhora conseguiu gemer, clamando por socorro.



## 6

### Num lar cristão

Propúnhamo-nos seguir o caso de Zulmira, não só para cooperar, a favor de suas melhoras, mas também para registrar os ensinamentos possíveis, e, solicitando o concurso de Clarêncio, dele ouvimos judiciosas ponderações.

– Sim – disse –, para auxiliar em processos dessa natureza, é preciso marchar para a frente, mas, para compreender o serviço que nos compete e avançar com segurança, é necessário voltar à retaguarda, armando-nos de lições que nos esclareçam.

Não sabíamos como interpretar-lhe a palavra, entretanto, ele mesmo nos socorreu, explicando, depois de ligeira pausa:

– Para realizarmos um estudo geral da situação, convém o contacto com outras personagens do drama que se desenrola. Ser-nos-á interessante, para isso, uma visita ao pequeno Júlio, no domicílio espiritual em que estagia.

– Oh! será um prazer! – clamei, contente.

– Poderíamos seguir agora? – perguntou Hilário, encantado.

O Ministro refletiu por segundos e observou:

– Nas responsabilidades que esposamos, não é aconselhável indagar por indagar. Procuremos o objetivo, a utilidade e a colaboração no bem. Não nos achamos em férias e sim em trabalho ativo.

Pensou, pensou... e aduziu:

– Sei que amanhã, à noite, Eulália deve acompanhar duas de nossas irmãs encarnadas à visitação dos filhinhos que as precederam na grande viagem da morte e que se encontram no mesmo sítio em que Júlio se demora asilado. Poderemos substituir nossa

cooperadora no serviço a fazer. Seguiremos em lugar dela. Prestaremos assistência às nossas amigas e examinaremos a situação da criança.

Anotando a preciosa lição de trabalho que aquelas expressões encerravam, aguardamos a noite próxima, com ansiedade real.

Na hora apazada, descemos à matéria densa, em busca das irmãs que seguiriam conosco.

Deixou-nos o Ministro numa casinha singela de remota região suburbana, depois de informar-nos:

– Aqui reside nossa irmã Antonina, com três dos quatro filhos que o Senhor lhe confiou. Incapaz de vencer as tentações da própria natureza, o marido abandonou-a, há quatro anos, para comprometer-se em delituosas aventuras. A dona da casa, porém, não desanimou. Trabalha com diligência numa fábrica de tecidos e educa os rebentos do lar com acendrado amor ao Evangelho de Nosso Senhor Jesus. Tem sabido resgatar com valor as dívidas que trouxe do pretérito próximo. Perdeu, há meses, o pequeno Marcos, de oito anos, atacado de fulminante pneumonia, e com ele se encontrará, depois da prece que proferirá com os pequeninos. Trarei comigo a outra companheira de nossa viagem. Quanto a vocês, auxiliem nas orações e nos estudos de Antonina, até que eu volte, de modo a seguirmos todos juntos.

Hilário e eu penetramos a sala desataviada e estreita.

Uma senhora ainda jovem, mas extremamente abatida, achava-se de pé, junto de três lindas crianças, dois rapazinhos entre onze e doze anos e uma loura pequerrucha, certamente a caçula da família, que pousava na mãezinha os belos olhos azuis.

Num recanto do compartimento humilde, triste velhinho desencarnado como que se colocava à escuta.

Dona Antonina colocou sobre a toalha muito alva dois copos com água pura, tomou um exemplar do Novo Testamento e sentou-se.

Logo após, falou carinhosamente:

– Se não me falha a memória, creio que a prece de hoje deve ser feita por Lisbela.

A pequenita levou as minúsculas mãos ao rosto, apoiou graciosamente os cotovelos sobre a mesa e, cerrando os olhos, recitou:

– Pai Nosso que estais no Céu, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade assim na Terra como nos Céus; o pão nosso de cada dia dai-nos hoje, perdoai as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores; não nos deixeis cair em tentação e livrai-nos de todo mal, porque vosso é o Reino, o poder e a glória para sempre. Assim seja.

Lisbela abriu os olhos, de novo, e procurou silenciosamente a aprovação maternal.

Dona Antonina sorriu, satisfeita, e exclamou:

– Você orou muito bem, minha filha.

E dividindo agora a atenção com os dois meninos, entregou o Evangelho a um deles, convidando:

– Abra, Henrique. Vejamos a mensagem cristã para os nossos estudos da noite.

O rapazinho escolheu o texto, ao acaso, restituindo o livro às mãos maternas.

A genitora, emocionada, leu os versículos 21 e 22 do capítulo 18º das anotações do apóstolo Mateus:

– “Então Pedro, aproximando-se dele, disse: – Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim e eu lhe perdorei?”

Até sete? Jesus lhe disse: – Não te digo que até sete, mas até setenta vezes sete.”

Calou-se dona Antonina, como quem aguardava a manifestação de curiosidade dos jovens aprendizes.

O pequeno Henrique, iniciando a conversação, perguntou, com simplicidade:

– Mãezinha, porque Jesus recomendava um perdão, assim tão grande?

Demonstrando vasto treinamento evangélico, a senhora replicou:

– Somos levados a crer, meus filhos, que o Divino Mestre, em nos ensinando a desculpar todas as faltas do próximo, inclinavamos ao melhor processo de viver em paz. Quem não sabe desvençar-se dos dissabores da vida, não pode separar-se do mal. Uma pessoa que esteja parada em lembranças desagradáveis caminha sempre com a irritação permanente. Imaginemos vocês na escola. Se não conseguirem esquecer os pequeninos aborrecimentos nos estudos, não poderão aproveitar as lições. Hoje é um colega menos amigo a preparar lamentável brincadeira, amanhã é uma incorreção do guarda enfadado em razão de algum equívoco. Se vocês imobilizarem o pensamento na impaciência ou na revolta, poderão fazer coisa pior, afligindo a professora, desmoralizando a escola e prejudicando o próprio nome e a saúde. Uma pessoa que não sabe desculpar vive comumente isolada. Ninguém estima a companhia daqueles que somente derramam de si mesmos o vinagre da queixa ou da censura.

Nessa altura do ensinamento, dona Antonina fitou o primogênito e perguntou:

– Você, Haroldo, quando tem sede preferiria beber a água escura de um cântaro recheado de lodo?

– Ah! isso não – replicou o mocinho muito sério –, escolherei água pura, cristalina...

– Assim somos também, em se tratando de nossas necessidades espirituais. A alma que não perdoa, retendo o mal consigo, assemelha-se ao vaso cheio de lama e fel. Não é coração que possa reconfortar o nosso. Não é alguém capaz de ajudar-nos a vencer nas dificuldades da vida. Se apresentamos nossa mágoa a um companheiro dessa espécie, quase sempre nossa mágoa fica maior. Por isso mesmo, Jesus aconselhava-nos a perdoar infinitamente, para que o amor, em nosso espírito, seja como o Sol brilhando em casa limpa.

Expressivo intervalo fez notar.

O jovem Haroldo, de semblante apoquentado, interferiu, indagando:

– Mas a senhora crê, mãezinha, que devemos perdoar sempre?

– Como não, meu filho?

– Ainda mesmo quando a ofensa seja a pior de todas?

– Ainda assim

E, observando-o, inquieta, dona Antonina acentuou:

– Porque tratas deste assunto com tamanha preocupação?

– Refiro-me ao papai – disse o menino algo triste –, papai abandonou-nos quando mais precisávamos dele. Seria justo esquecer o mal que nos fez?

– Oh! meu filho! – comentou a nobre mulher – não te detinhas nesse problema. Porque alimentar rancor contra o homem que te deu a vida? Como condená-lo se não sabemos tudo o que lhe aconteceu? Seria realmente melhor para o nosso bem estar se ele estivesse conosco, mas, se devemos suportar a ausência dele, que os nossos melhores pensamentos o acompanhem. Teu pai,

meu filho, com a permissão do Céu, deu-te o corpo em que aprendes a servir a Deus. Por esse motivo, é credor de teu maior carinho. Há serviços que não podemos pagar senão com amor. Nossa dívida para com os pais é dessa natureza...

Recordando talvez que a família se achava num curso de formação cristã, a dona da casa acrescentou:

– Um dia, quando Moisés, o grande profeta, foi ao monte receber a revelação divina, uma das mais importantes determinações por ele ouvidas do Céu foi aquela em que a Eterna Bondade nos recomenda: – “Honrarás teu pai e tua mãe”. A Lei enviada ao mundo não estabelece que devemos analisar a espécie de nossos pais, mas sim que nos cabe a obrigação de honrá-los com o nosso amoroso respeito, sejam eles quais forem.

A reduzida assembléia recolhia as explicações, de olhos felizes e iluminados.

Haroldo mostrou-se conformado, todavia, ainda ponderou:

– Compreendo, mãezinha, o que a senhora quer dizer. Entretanto, se papai estivesse junto de nós, talvez que Marcos não tivesse morrido. Teríamos o dinheiro suficiente para tratá-lo.

Dona Antonina enxugou, apressada, as lágrimas que lhe caíram, espontâneas, ante a evocação do filhinho, e continuou:

– Seria um erro permitir a queda de nossa confiança no Pai Celestial. Marcos partiu ao encontro de Jesus, porque Jesus o chamava. Nada lhe faltou. Rogo a vocês não darmos curso a qualquer idéia triste, em torno da memória do anjo que nos precedeu. Nossos pensamentos acompanham no Além aqueles que amamos.

Nesse ponto da conversação, Lisbela inquiriu, graciosa:

– Mãezinha, Marcos nos vê?

– Sim, minha filha – esclareceu dona Antonina, emocionada –, ele nos ajuda em espírito, pedindo a Jesus forças e bênçãos para nós. Por nossa vez, devemos auxiliá-lo com as nossas preces e com as nossas melhores recordações.

Dona Antonina, porém, pareceu asfixiada por enormes saudades. Enquanto os meninos comentavam com interesse os ensinamentos da noite, demorava-se absorta, mentalizando a imagem do pequenino...

Quando o relógio assinalou o fim do culto, solicitou a Henrique fizesse a oração de encerramento.

O petiz repetiu a prece dominical, rogando ao Senhor abençoasse a mãezinha, e o trabalho terminou.

A dona da casa repartiu com os pequenos alguns cálices da água cristalina que Hilário e eu magnetizáramos e, logo após, pensativa e saudosa, retirou-se com os filhinhos para a câmara em que se recolheriam todos juntos.

## 7

### Consciência em desequilíbrio

Consoante as recomendações que havíamos recebido, aguardamos dona Antonina, no estreito recinto em que se processara o culto familiar.

Agora, conseguíamos reparar o ancião desencarnado com mais atenção. Conservando integrais remanescentes da vida física, abatido e trêmulo, parecia inquieto, dementado...

Tentamos debalde uma aproximação.

Não nos via.

Lembrei ao meu companheiro que poderíamos densificar o nosso veículo, pela concentração da vontade, e apressamo-nos na providência.

Em momentos breves, fornecendo a impressão de recém-chegados, atraímos-lhe o interesse.

O velhinho precipitou-se para nós, exclamando:

– São oficiais ou praças? Estão pró ou contra?

Aquele olhar esgazeado era efetivamente o de um louco.

Hilário e eu trocamos impressões de curiosidade e espanto.

E antes que nos pronunciássemos, começou a chorar, convulsivamente, acentuando:

– Quem trouxe aqui a idéia de perdoar? Em que ponto me situaria na questão? Devo perdoar ou ser perdoado? Não entendo a necessidade de discussão em torno de um assunto como esse entre fraca mulher e três crianças... Comentários dessa natureza devem ser reservados para pessoas aflitas como eu, que trazem um vulcão no centro do crânio...



Assim dizendo, alteraram-se-lhe as feições fisionômicas.

Afigurou-se-nos mais distante da realidade, mais inconsciente.

Gritando quase, continuou:

– Tudo teria sido modificado se me houvessem facultado o encontro com o novo Generalíssimo... Sua Alteza compreender-me-ia a situação. Era propósito do Marechal requisitar-me para seu serviço exclusivo, entretanto, por influência do meu miserável perseguidor, sofri transferência injusta...

Nosso inesperado amigo vasculhou com os olhos os recantos da sala, qual se temesse a presença de alguma testemunha invisível, e prosseguiu:

– Ouçam, porém, o que lhes digo! Ele não somente pretendia afastar-me dos favores do Marechal doente, mas planejava furtar-me a mulher... Lola Ibarruri! Como não haveria de querê-la com a paixão que me inspirou? Porque teria eu de seguir para Fecho dos Morros? O intento de me prejudicarem era evidente. Sem dúvida, fui constrangido a sair, mas não fui além de Tacuaral. O General Polidoro não me abandonaria... Devia regressar a Luque e regressar. .. O infame Esteves, contudo, agira sem descansar... Além de assaltar-me os direitos de enfermeiro no Quartel General, desviara a atenção de Lola... A formosa Ibarruri não mais me pertencia. Entregara-se ao amigo desleal... Nossa pequena chácara de laranjeiras e nosso jardim estavam esquecidos... Quem disse que não me sacrifiquei na aquisição da encantadora casinha, por mim confiada à pérfida mulher? Durante um mês longo e terrível, suspirei pelo retorno aos carinhos dela... Quando tornei ao lar, naquela estrelada noite de maio, encontrei-a nos braços do traidor... Lola tentou desculpar-se, mas surpreendi-os juntos... Quis vingar-me, de imediato, espetando-o com meu punhal, todavia, as tropas deixariam a cidade, daí a três dias, e o meu inimigo, que se esgueirara na sombra, ante a minha aproximação deu-se pressa em

viajar, a serviço, no rumo de Itauguá... O ódio passou a dominar-me, enceguecendo-me... Encontrá-lo-ia em alguma parte, abraçá-lo-ia com a mesma cordialidade fingida com que me abraçara pela primeira vez e arrancar-lhe-ia a vida... Assim fiz... Aparentei ignorar a realidade e busquei-o, sorrindo... e, sorrindo, envenenei-o... Creiam, contudo, que somente me abalancei a semelhante ato, porque ele era impudente, libertino, cruel... Assassinar-me-ia, se eu não tivesse o arrojo de liquidá-lo...

Fez breve pausa e, em seguida, ajoelhando diante de nós, passou a clamar, de novo, em alta voz:

– Oh!... para mim, estou certo de que pratiquei a justiça, mas este homem realmente não me abandona! Lutei tanto!... Casei-me e organizei grande família!... Devotei-me à religião, desfrutei os benefícios dos santos sacramentos e admiti que tudo estivesse amplamente solucionado; entretanto, depois de retirar-me do corpo físico sob a imposição da velhice e da enfermidade, longe de encontrar o céu que parece cada vez mais distante de mim, reconheço que este homem continua a perseguir-me por dentro!... Faz muitos anos que me despedi dos ossos fatigados e perambulo, aflito e infeliz, carregando o inferno, dentro de mim!... A princípio, procurei o sepulcro, na esperança de soerguer meus restos e, escondendo-me neles, esquecer... esquecer... Compreendendo, porém, que meu desejo era de todo frustrado, fugi para sempre do lugar que me asila os despojos e devoro ruas e praças, buscando autoridades que me socorram...

Depois de passar as mãos pelo rosto, enxugando as lágrimas, continuou:

– Ó senhores, por quem são!... ainda mesmo que o meu erro fosse tão clamoroso assim, tanto tempo de convívio com este monstro a fitar-me, imperturbável, não bastaria à expiação que me compete ao resgate? Se eu confessasse o crime e me demorasse

por menos tempo no cárcere, não estaria redimido, diante dos tribunais?

Sentindo que algo nos caberia dizer à guisa de consolo, afaquei-lhe a cabeça branca e falei, tentando ser gentil:

– Acalme-se, meu irmão! Quem de nós não terá desacertado no caminho da vida? Sua dor não é única... Também nós trazemos o espírito pejado de aflitivas recordações. As lágrimas de desesperação desajudam a alma...

Pelas citações que ouvíramos, percebi que o nosso interlocutor se reportava ao tempo da Guerra do Paraguai e, buscando penetrar o labirinto de suas palavras que estabeleciam ligação do passado com o presente, indaguei:

– A que novo Generalíssimo se refere?

– Ah! ignoram?

E dando-nos a idéia de quem vivia profundamente arraigado a particularidades do pretérito, aduziu:

– Recordo-me com precisão... Sim, a proclamação dele era de 16 de abril... O Príncipe D. Gastão de Orleães era o novo comandante em chefe, mas muito me pesava o afastamento do Marechal...

– Qual deles? – perguntei, reavivando-lhe a memória.

– O Marechal Guilherme Xavier de Souza. Era meu amigo, meu protetor... Doente, cansado, precisava de mim... Contudo, afastaram-me dele... Esteves, o cão infiel...

Nesse instante, porém, a voz extinguiu-se-lhe na garganta. Esbugalharam-se-lhe os olhos e, como se estivesse atezado no íntimo por forças terríveis, insondáveis à nossa observação, começou a queixar-se, desesperado:

– Ah! não posso continuar!... Ele, novamente ele, a crescer dentro de mim! Observa-me com asco e ainda lhe ouço as últimas

palavras no estertor da morte... Não! Não! – bradava ele, agora, com evidentes sinais de angústia – hei de libertar-me! hei de libertar-me! Tenho fé!

Comovidamente, acerquei-me do pobrezinho e considerei:

– Sim, meu amigo, a fé representa o milagroso salva-vidas de todos os naufragos. Você tem orado? Tem pedido a Jesus amparo e assistência?

– Sim, sim..

– E ainda não lhe chegou qualquer sinal de socorro celeste?

O infortunado centralizou em mim o olhar inquieto e informou:

– Há alguns dias, fui à Igreja do Rosário, recordando, como sempre, a visita que fiz até lá, na véspera de minha partida para a guerra, e tanto rezei que tive a felicidade de ver o Marechal, que me apareceu, de súbito... Estava mais moço e incompreensivelmente refeito... Roguei-lhe proteção ao que me respondeu, informando que o meu caso seria tomado em apreço, que eu descansasse, pois ainda que os nossos erros sejam grandes, maior é a compaixão de Deus que nunca nos desampara...

E, exibindo um gesto de profundo abatimento, acrescentou:

– Mas, até agora, não tive o menor sinal de renovação do caminho...

Acaricieei-lhe a nevada cabeça e considerei, comovidamente:

– Esteja convencido, porém, de que a bondade de Jesus não nos faltará.

– Prometa ajudar-me! Compadeça-se de mim! – gritou o infeliz.

De coração, intimamente tocado por semelhante apelo, hipotequei-lhe a decisão de colaborar em sua paz e soerguimento.

Quando o infortunado ancião procurava abraçar-me, Clarêncio chegou, guiando a outra pupila que nos acompanharia na excursão.

Simpática e humilde, após cumprimentar-nos, manteve-se a distância, O mentor, num átimo, compreendeu o que se passava. Vimo-lo concentrar-se por momentos, densificando-se para auxiliar com mais presteza.

Saudado pelo velhinho, afagou-lhe a fronte e avisou-nos:

– Permanece dementado. A mente dele fixou-se em recordações que o obcecaram.

Mais experiente que nós outros, guardou-o nos braços com paternal carinho, conquistando-lhe a confiança e inquireu:

– Que procura, meu irmão?

– Venho suplicar o socorro de Antonina, minha neta. É a única pessoa que se lembra de mim com amor... Dentre os numerosos membros de minha família, só ela me oferece asilo na oração...

E, porque reiniciasse as referências lamuriosas, o Ministro colocou a destra sobre a cabeça de nosso interlocutor, como a sondar-lhe o íntimo em minuciosa perquirição e, em seguida, informou:

– Temos aqui nosso irmão Leonardo Pires, desencarnado há cerca de vinte anos... Quando jovem, foi empregado do Marechal Guilherme Xavier de Souza e hoje conserva a mente detida num crime de envenenamento em que se envolveu, quando integrava as forças brasileiras acampadas em Piraju, no Paraguai. Podemos conhecer o delito, em suas particularidades, na tela das recordações que o atormentam... É um domingo de festa em campanha... 11 de julho de 1869... A missa é celebrada em pleno campo por um frade capuchinho... O Conde d'Eu, com a luzida oficialidade do seu Quartel General, está presente... Nosso amigo, muito moço ainda, aparece no corpo da infantaria. Não se mostra, porém,

interessado nas graves advertências do sacerdote, no ato religioso, nem no apelo ardente e patriótico do Generalíssimo, que pronuncia brilhante e inspirada alocação para os convidados... Fita com impertinência um companheiro recém-chegado de Itauguá, enfermeiro em serviços especiais... É José Esteves, irrequieto brasileiro de olhos escuros e inteligentes, de garboso porte, com os seus trinta anos bem feitos... Partilha com o nosso amigo o afeto de linda mulher desquitada, que abandonou o marido e um filho pelo prazer da aventura... Pires, o irmão que observamos, inconformado com os favores da criatura amada para com o patrício que ele odeia, finge ignorar-lhe a situação e insinua-se maneiroso e gentil... Terminada a festa, convida Esteves para refeição mais íntima... E, juntos, comentam entusiásticos as noitadas do Rio, ansiosos pelo retorno às seduções da retaguarda... Esteves entrosa-se com as impressões de Leonardo, confia nele e conversa, loquaz, até que o vingativo colega, na taverna improvisada, lhe oferece um copo de vinho com o veneno fatal... O companheiro bebe, experimenta estranhas vertigens e morre praguejando... O acontecimento é recebido com admiração... Um médico argentino é chamado a opinar e verifica o envenenamento, contudo, as autoridades julgam o silêncio mais acertado... As tropas deveriam seguir rumo a Paraguari e o caso é encerrado sem maior investigação... Leonardo acompanha o Exército para a vanguarda e tenta esquecer o ocorrido... Convive ainda com a requestada mulher, por mais algum tempo, mas, de regresso à terra natal, desinteressa-se dela e casa-se no Brasil, deixando vários descendentes... Desencarna, valetudinário; todavia, no leito de morte, reconhece que a lembrança do crime lhe castiga o mundo interior... Olvida quase todos os demais episódios da existência para centralizar-se apenas nesse... José Esteves já reencarnou, demorando-se agora em outros setores de luta, mas Leonardo Pires vive com a imagem do assassinado que se revitaliza, cada dia, na memória dele, ao influxo das sugestões da própria consciência que se considera

culpada... Como vemos, é a Lei de causa e efeito a cumprir-se, natural...

Nesse instante, porém, Antonina, em seu veículo sutil, surgiu à porta da câmara em que o seu corpo dormia, vindo ao nosso encontro.

## 8

### Deliciosa excursão

O velhinho desencarnado demonstrava absoluta indiferença, ante a descrição do nosso orientador, mas, como se a presença da nobre senhora lhe despertasse novo interesse, fitou-a, de olhos subitamente iluminados, e bradou:

– Antonina! Antonina!... Socorre-me. Tenho medo! muito medo!...

A interpelada, que fora do corpo denso se mostrava muito mais delicada e mais bela, fixou-o, triste, e inquiriu com amargurado semblante:

– Vovô, que fazes?

O ancião curvou-se e implorou:

– Ajuda-me! Todos na família me esqueceram, com exceção de ti. Não me abandones!... Ele, o meu ferrenho inimigo, me tortura por dentro. Assemelha-se a um demônio, morando em minha consciência...

Tentava agora enlaçá-la, aflito, mas Clarêncio interferiu, indicando-nos:

– Ouça, amigo! Nossos irmãos prometeram ampará-lo e, de certo, cumprirão a palavra. Nossa abnegada Antonina, no momento, precisa ausentar-se, em nossa companhia, por algumas horas.

E abraçando-o, paternal, recomendou:

– Você pode igualmente auxiliá-la. Guarde-lhe a casa, enquanto os meninos repousam. Amanhã, receberá, por sua vez, o socorro de que necessita.

O velho sorriu conformado e aquietou-se.



Deixando-o a sós, na sala estreita, saímos para a noite.

Entrelaçando as mãos e conservando nossas irmãs no circuito fechado de nossas forças, empreendemos a formosa romagem.

Quem na Terra poderá imaginar as deliciosas sensações da alma livre?

Viajando com a rapidez do pensamento, avançamos à frente da sombra noturna, largando para trás o deslumbramento da auro-ra, em colorido e cantante dilúculo...

Atingindo formosa paisagem, banhada de suave luz, em que um parque imponente e acolhedor se distendia, fixei o semblante de nossas companheiras, que se mostravam extáticas e felizes.

Dona Antonina, amparando-se em Clarêncio qual se fora uma filha apoiada nos braços paternos, inquiriu, maravilhada:

– Porque não transformar esta excursão em transferência definitiva? Pesa o corpo, à maneira de insuportável cruz de carne, quando conseguimos sentir a Terra, de longe...

– É verdade – concordou a outra irmã, que se sustentava em nós –, porque não nos é dado permanecer, olvidando os pesares e os dissabores do mundo?

– Compreendemos – ajuntou o Ministro, generoso –, compreendemos quanta inquietação punge o espírito reencarnado, mormente quando desperto para a beleza da vida superior; entretanto, é indispensável saibamos louvar a oportunidade de servir, sem jamais desmerecê-la. Achamo-nos ainda distantes da redenção total e todos nós, com alternativas mais ou menos longas, devemos abraçar a luta na carne, de modo a solver com dignidade nossos velhos compromissos. Somos viajores nos milênios incessantes. Ontem fomos auxiliados, hoje nos cabe auxiliar.

Apoiamos os direitos autorais.  
As páginas desta obra que estás a ler em formato digital, são apenas um excerto para efeitos de divulgação de informação e conhecimentos que consideramos importantes estarem acessíveis ao maior número de pessoas, pois sem Conhecimento, Educação e Sabedoria não existe evolução das sociedades.

Se estás a gostar deste livro, por favor apoia o seu criador e as entidades que apoiam a sua distribuição, adquirindo uma versão original.



[umanovatterra.pt](http://umanovatterra.pt)